

## CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Autora: Maria das Graças Soares; Co-autor (1): Luanna Maria Beserra Filgueiras; Co-autor (2): Jorismildo da Silva Dantas (2); Jorge Miguel Lima Oliveira (2);

UFPB – Universidade Federal da Paraíba - [smaria18@hotmail.com](mailto:smaria18@hotmail.com), [luannabeserra-uepb@hotmail.com](mailto:luannabeserra-uepb@hotmail.com)

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba – [jorismildodantas@gmail.com](mailto:jorismildodantas@gmail.com), [Jorge\\_scot@hotmail.com](mailto:Jorge_scot@hotmail.com)

### RESUMO

O presente artigo “Convivência com o semiárido: uma proposta metodológica no ensino de geografia” parte de experiências obtidas através do projeto de pesquisa intitulado: Um olhar sobre o ensino de Geografia em escolas de nível Fundamental, assim como de discussões realizadas no curso de Especialização em Educação Contextualizada para o Semiárido Brasileiro. Essas experiências suscitaram inúmeras reflexões e conduziram à elaboração da seguinte questão: Como professores de Geografia promovem um ensino na perspectiva da convivência com o Semiárido Brasileiro (SAB) em escolas públicas da cidade de Cajazeiras – PB e como alunos apreendem e tematizam esse ensino? Verificar se, nas aulas de Geografia, os conteúdos selecionados e ensinados pelos professores consideram os conhecimentos locais da região buscando a convivência com o SAB e, também investigar se os professores de Geografia e alunos fazem uma interrelação dos conteúdos relativos ao Semiárido com os conhecimentos escolares da disciplina Geografia. Optou-se no estudo pela pesquisa qualitativa-quantitativa por serem objetos de estudo das ciências sociais e por responderem a questões do cotidiano muito particulares. Como técnica de pesquisa os questionários (professores e alunos). Como método, utilizamos o comparativo por acreditarmos que esses dão subsídios que possibilitam compreender os desafios para um ensino de Geografia contextualizado nas escolas campos de pesquisa. A pesquisa foi realizada com três turmas de 9º ano de três escolas públicas estaduais de Ensino Fundamental e Médio. Nosso intuito é identificar por meio da pesquisa se a disciplina Geografia, ministrado por professores na educação básica, está relacionado com o cotidiano do discente e se a mesma contempla um ensino e/ou aprendizagem pautado na memorização de conteúdos e fora da realidade da Educação Contextualizada para a Convivência com Semiárido Brasileiro (ECSA).

**Palavras-chave:** Educação Contextualizada, Ensino de Geografia, Semiárido Brasileiro.

### 1 INTRODUÇÃO

O estudo da temática parte das experiências obtidas em um projeto de pesquisa<sup>1</sup>, assim como de discussões realizadas no curso de Especialização em Educação Contextualizada para o Semiárido Brasileiro. Essas experiências suscitaram inúmeras reflexões e conduziram à elaboração da seguinte

---

<sup>1</sup> Um olhar sobre o Ensino de Geografia em escolas de nível fundamental.

questão: Como professores de Geografia promovem um ensino na perspectiva da convivência com o Semiárido Brasileiro em escolas públicas da cidade de Cajazeiras – PB e como alunos apreendem e tematizam esse ensino?

É nessa perspectiva que justificamos o interesse de elaborar um estudo sobre a temática, pois, provavelmente, a escola e o ensino de Geografia contribuem na formação de cidadãos ativos e possíveis colaboradores na desmistificação do SAB como região problema. O Semiárido é um lugar de grandes potencialidades naturais, históricas, culturais, econômicas e sociais e deve ser percebido em sua complexidade. Isso implica na formação de sujeitos conscientes e conhecedores do espaço local, dispostos a construir uma sociedade mais justa e igualitária. Assim, nossa pesquisa tem como objetivo principal investigar como os docentes e discentes do componente curricular Geografia compreendem o Semiárido Brasileiro (SAB).

Nos objetivos específicos, buscamos verificar se, nas aulas de Geografia, os conteúdos selecionados e ensinados pelos professores consideram os conhecimentos locais da região (Semiárido Brasileiro), se os professores de Geografia abordam conteúdos relativos à proposta de convivência com o SAB e investigar se os professores e alunos fazem interrelações dos conteúdos relativos ao SAB com os conhecimentos escolares do componente curricular Geografia.

A pesquisa tem como foco de estudo a contextualização do ensino de Geografia no cotidiano do discente e foi realizada com três (3) turmas de 9º ano de três (3) escolas públicas estaduais de Ensino Fundamental, localizadas na cidade de Cajazeiras - PB. Nosso intuito é identificar por meio da pesquisa qualitativo-quantitativa se a disciplina Geografia, ministrada por professores na educação básica, está relacionado com o cotidiano do discente ou se a mesma contempla um ensino e/ou aprendizagem pautado na memorização de conteúdos e fora da realidade da Educação Contextualizada para a Convivência com Semiárido Brasileiro (ECSA).

Enfim, o nosso propósito é possibilitar, por meio dessa pesquisa, uma compreensão mais crítica e atuante da realidade do Semiárido nas escolas.

## **2 METODOLOGIA**

Para atingirmos os objetivos propostos optamos pela pesquisa qualitativa-quantitativa, “em que o primeiro termo seria o lugar da “intuição”, da “exploração” e do subjetivismo”; e o segundo representaria o espaço do científico, porque traduzido “objetivamente” e em “dados matemáticos” (MINAYO 1994, p. 22). Por ser um processo de investigação das ciências sociais, a pesquisa qualitativa está relacionada com os fatos do cotidiano e estuda suas particularidades, a fim de que um universo de significados seja entendido.

Para Minayo (1994) a diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza. A pesquisa qualitativa se aprofunda no universo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas. O conjunto de dados quantitativos, porém, não se contrapõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por essas pesquisas interagem dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia. Trata-se de uma abordagem de intervenção social, onde envolve pesquisadores e participantes que estão inseridos numa pesquisa ação.

Para o desenvolvimento da pesquisa nos apoiamos no estudo de um caso, pois, este proporciona conhecer uma dada realidade. Podemos dizer que a pesquisa qualitativa é essencial para melhor trabalhar esse universo de peculiaridades, já que, possibilita a obtenção de dados descritivos por meio do pesquisador com seu objeto de estudo. Visto que “o pesquisador é um ativo descobridor do significado das ações e das relações que se ocultam as estruturas sociais” (CHIZZOTTI, 2010, p. 80).

Para responder ao nosso objeto de estudo, elegemos como técnica de pesquisa os questionários (professores e alunos). Como método, utilizamos o comparativo, por acreditarmos que esses dão subsídios que possibilitam compreender os desafios para um ensino de Geografia contextualizado nas escolas campos de pesquisa. Porque “é preciso haver uma mudança metodológica que altere a relação professor-aluno, relação esta que, via de regra, continua fria, distante e burocrática” nas escolas (KAERCHER, 2004, p. 222).

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A região do Semiárido Nordeste tradicionalmente é caracterizada a partir de suas condições climáticas, ou seja, uma região com chuvas irregulares durante alguns meses do ano, temperaturas altas, vegetação caatinga do tipo xerófila<sup>2</sup>, solo raso, composto por rochas cristalinas impermeáveis, o que dificulta absorção da água para o subsolo. Essa definição e caracterização do Semiárido é a que está presente, majoritariamente, nos livros didáticos e quereforça a elaboração de um discurso

---

<sup>2</sup> Período de estiagem perdem as folhas e os galhos secam superficialmente, ou seja, ficando aparentemente sem vida, mas o que acontece é que essa vegetação fica em estado de latência, a fim de reduzir a evapotranspiração.

que apresenta a região como inviável e dependente de políticas e práticas assistencialistas.

No entanto, a proposta da convivência apresenta outra conceituação para o Semiárido Brasileiro caracterizando-o como uma região onde habitam milhares de pessoas com cor, raça, religião, histórias de vidas, ou seja, identidades culturais abrangentes. Assim sendo, nos apoiamos nas palavras de Malvezzi (2007, p. 09) quando afirma: “O Semi-Árido brasileiro não é apenas clima, vegetação, solo, sol ou água. É povo, música, festa, arte, religião, política, história. É processo social. Não se pode compreendê-lo de um ângulo só”.

Num contexto geral, é preciso fazer com que as pessoas vejam o Semiárido como sendo um lugar de possibilidades, por meio da utilização de suas potencialidades naturais e culturais. O que falta é uma contribuição na educação contextualizada para a convivência com o mesmo, que está posta em práticas pedagógicas articuladas por meio dos conteúdos do livro didático com a realidade local dos alunos, na qual tais conteúdos sejam reformulados e inseridos no currículo escolar, destacando o ensino de Geografia como foco de estudo.

O ensino de Geografia precisa enfatizar a questão da convivência com o Semiárido, conforme a história, os modos de vida, a cultura dos discentes com os seus valores presentes no seu *lócus de vida*. Segundo Martins (2006, p. 46):

[...] as pessoas não estão de forma alguma soltas no ar, no tempo, à mercê das eventualidades. Elas estão inseridas numa cultura, num modo vida; estão ligadas a uma memória, uma linguagem dotada de sentido prático, a um conjunto de algoritmos com os quais organiza suas interpretações e suas formas de intervenção no mundo; com os quais anima os modos com que produz sua existência.

É nesse contexto, que a educação para a convivência com o Semiárido deve ser levada em consideração no ensino de Geografia, precisando ser ministrada por professores comprometidos com essa educação desde as séries iniciais, mas só isso não basta. É necessário que as práticas pedagógicas adotem as experiências e os saberes dos discentes e não apenas se limitem a conteúdos do livro didático, que trazem temáticas/questões como a cultura, aspectos políticos, socioeconômicos de outras regiões como o Sudeste ou Sul, ficando muito distante da nossa realidade. Como ressalta Bueno & Silva (2008, p. 74):

Além disso, são propagadores da ideia de que outras regiões são lugares melhores do que o Semiárido para se viver; funcionando assim, como passaporte para o êxodo e conseqüentemente, para o inchaço das periferias nas grandes cidades

aumentando o contingente de pessoas submetidas a condições de miséria.

O ensino de Geografia apresenta um leque de possibilidades para articular conhecimentos do cotidiano dos discentes no SAB com os conhecimentos globais, já que o objeto de estudo da Geografia é o Espaço Geográfico e o Semiárido Brasileiro está incluído neste espaço. A contextualização de saberes locais com os globais implica agregar novos saberes a outros, a tecer uma rede de saberes em torno destes (MARTINS, 2006).

A proposta da Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido Brasileiro (ECSA) apresenta um conhecimento multidimensional sobre a região, ancorando-se no desenvolvimento de um pensamento complexo (onde os conhecimentos são tecidos juntos para serem entendidos)<sup>3</sup>, e de uma aprendizagem significativa<sup>4</sup> (a transformação do novo conteúdo/conhecimento científico pela estrutura cognitiva do sujeito são transformados em novos saberes).

Para Moreira (2006) e Morin (2007) é preciso adequar o currículo às peculiaridades locais (Semiárido) e integrar a sociedade civil (organizações não governamentais e governamentais, universidades, escolas, comunidades, população local) como um todo. Já Malvezzi (2007, p. 132) nos explica que “a convivência com o Semiárido precisa começar dentro das escolas, modificando-se o processo educacional, o currículo escolar, a metodologia educativa e o próprio material didático”. Essa proposta visa a tornar o processo de ensino e/ou aprendizagem significativo, por meio da contextualização, visto que as discussões contextualizadas possibilitam uma conexão entre os conhecimentos prévios e os científicos.

Tais questionamentos e inquietações apontam para a necessidade de refletirmos sobre ‘o que’ e ‘o como’ se ensinam os conteúdos da Geografia. Até que ponto esses conteúdos estão voltados ao entendimento da realidade do atual contexto histórico desta ciência e do Semiárido Brasileiro (SAB), e como esses questionamentos contemplam a importância da participação da escola e do

---

<sup>3</sup> Por exemplo: “A história é tecida por elementos diferentes e interdependentes e que juntos compõem o todo, o complexo. Nesse processo de construção ocorrem relações diversas, onde cada elemento é único, e a particularidade de cada um vai ganhando corpo, à medida que se relaciona com o outro, dando um caráter de multiplicidade” (LINS; SOUSA; et al, 2006, p.120).

<sup>4</sup> “O conceito central da teoria de Ausubel é o de **aprendizagem significativa**, um processo pelo qual uma nova informação se relaciona, de maneira substantiva (não literal) e não arbitrária, a um aspecto relevante da estrutura cognitiva do indivíduo. Neste processo a nova informação **interage** com uma estrutura de conhecimento específica, a qual Ausubel chama de “conceito subsunçor” ou, simplesmente “subsunçor”, existente na estrutura cognitiva de quem aprende” (MOREIRA, 2006, p. 14-15).



aluno na (re) produção da sociedade, tornando-o um sujeito mais reflexivo, questionador e crítico (KAERCHER, 2004; MARTINS, 2006).

Partindo desses pressupostos, os questionários foram aplicados em três turmas de 9º ano em escolas de Ensino Fundamental e Médio no município de Cajazeiras - PB, nas quais denominamos de A1<sup>5</sup>, A2 e A3, buscaram compreender como professores de Geografia promovem um Ensino na perspectiva da convivência com o Semiárido Brasileiro em escolas públicas da cidade de Cajazeiras - PB.

Os dados a seguir foram obtidos por meio das respostas dos questionários aplicados com discentes e docentes e serão apresentados a seguir.

**TABELA 01 - DISTRIBUIÇÃO DE ALUNOS E PROFESSORES POR ESCOLAS**

Escola	Curso	Prof.	Série	Turma	Turno	Nº alun	Sexo	Idade
A1	Fund.	P1	9º ano	C	Tarde	20	11M 08F	13/17 Anos
A2	Fund.	P2	9º ano	C	Tarde	17	6M 11F	13/18 Anos
A3	Fund	P3	9º ano	B	Manhã	18	8 M 10F	13/16 Anos
<b>Total</b>		<b>3</b>				<b>55</b>	<b>25M 29F</b>	

Fonte: Da pesquisa.

Como podemos observar na tabela acima, foram ouvidos 3 professores de Geografia e 55 alunos, sendo 25 (45,45% ) alunos do sexo masculino e 29 (53%) do sexo feminino, distribuídos em três escolas estaduais de ensino fundamental e médio. Duas turmas funcionam no turno tarde e uma no turno manhã.

As respostas à questão: **O que você entende por Semiárido Brasileiro (SAB) ou Sertão Nordestino?** Permitiram elaborar a seguinte tabela:

**TABELA 02 - O CONHECIMENTO QUE OS DISCENTES TÊM SOBRE O SEMIÁRIDO BRASILEIRO**

	Nº Absoluto	Nº Relativo (%)
<b>Nada sabe sobre o SAB</b>	12	21,81
<b>Questões em branco</b>	13	23,63
<b>Outras respostas</b>	30	54,54
<b>TOTAL</b>	55	100

Fonte: Da pesquisa.

<sup>5</sup> A sigla A (Escola/s) é utilizada para manter o anonimato dela/s e 1 para indicar a sequência em que foram pesquisada/s.

Nesta questão, 45,45% dos alunos afirmam não ter qualquer conhecimento sobre o que seja o Semiárido, que nada sabe sobre essa Região, ou não tinham segurança para emitir uma compreensão sobre o tema, optando em não respondê-la. Enquanto que, 54,54%, o caracterizaram como região das secas, de pobreza, atribuindo às condições climáticas como condicionante das desigualdades sociais. Isso significa como a “seca” é uma característica negativa desta região, ainda muito presente no imaginário dos discentes, pois em momento algum ela é vista como um fenômeno natural, mas como culpada pela miséria da população. Com raríssimas exceções, não foram encontradas respostas que revelassem uma região positiva, que mesmo com o clima Semiárido é possível viver com dignidade.

Nesta perspectiva o ensino aprendizagem do componente curricular Geografia revela-se descontextualizado da realidade local, porque não contempla a proposta de uma educação para convivência com SAB.

### 3.1 Como os professores pensam o Semiárido?

Os questionários foram aplicados com três professores (P1, P2 e P3)<sup>6</sup> de Geografia das três turmas de 9º ano, em escolas de ensino fundamental e médio no município de Cajazeiras - PB. Os dados a seguir foram obtidos por meio dos questionários aplicados com os docentes de Geografia, que resultaram na construção da tabela a seguir.

**TABELA-03: TITULAÇÃO E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL DOS PROFESSORES PESQUISADOS**

Professor/a	Escolas	Gênero	Idade	Graduação	Anos de experiência	Pós-grad.
P1	A1	Fem.	60	Lic. Geografia	26	N/R
P2	A2	Mas.	55	Lic. Geografia	23	Sim
P3	A3	Fem.	---	Lic. Geografia	18	Sim

Fonte: Da pesquisa.

Como pode ser observado na tabela acima todos os professores são licenciados em Geografia e dois possuem pós-graduação em nível de especialização. Vale salientar que todos os professores residem na cidade de Cajazeiras, lecionam em turmas de ensino fundamental e médio e ingressaram na rede pública de ensino por meio de concurso público.

Nessa perspectiva, perguntou-se aos professores: **O que você entende por Semiárido**

<sup>6</sup> A sigla P (professor) é utilizada para manter o anonimato deles e 1 para indicar a sequência em que foram pesquisados.

**Brasileiro (SAB)?** Conforme a interrogação, os docentes responderam:

*“São os locais onde o clima é muito quente com temperaturas elevadas e sujeito a secas”*,  
(P1);

*“Região quente e seca com forte componente para a desertificação, haja vista, a desertificação da flora de forma irracional etc”*; (P2);

*“Não respondeu”* (P3).

Os professores (P1 e P2) relacionaram o SAB apenas ao cenário da seca, *“ao clima quente com temperaturas elevadas e forte componentes para a desertificação,”* suas potencialidades, a cultura, a história dos povos do Semiárido não são apresentadas neste contexto.

A “seca”<sup>7</sup> é apresentada em nossas escolas como sendo a grande responsável pela miséria esquecendo que por trás das desigualdades está o poder político que se abstém de trazer soluções para a situação socioeconômica dos habitantes da região.

É preciso descontextualizar o princípio de que a seca é sinônimo de subdesenvolvimento, vista como norteadora dos problemas regionais. Consiste em apelar por uma nova racionalidade, quebrar com as justificativas simplistas dos verdadeiros culpados (as oligarquias) pelas intempéries que vão contra a dignidade dos povos do Semiárido. Comparando apenas as respostas dos professores P1 e P2 com os educandos, já que P3 não respondeu nada sobre essa questão, deixando a entender que provavelmente faltou segurança ou que de fato não apresentava argumentos precisos para respondê-la, destacamos: *“São os locais onde o clima é muito quente com temperaturas elevadas e sujeito a secas”*. (P1); *“Região quente e seca (...)”* (P2); e dos discentes: *“Pobreza, climas quentes”*. F.C.S.P (13 anos, M); *“Região aonde há seca”* A.L.R.R (15 anos, F).

As respostas deixam claro que os professores não promovem um ensino de Geografia relativo à proposta de uma ECSA, já que essa educação não é neutra, mas fundamenta-se no compromisso da formação de sujeitos pensantes, atuantes e na melhoria das condições de vida da população por meio do pensar/repensar ou do reconhecimento dos valores éticos, fisiográficos, históricos e, sobretudo, das vastas potencialidades que o Semiárido Brasileiro apresenta em sua territorialidade.

---

<sup>7</sup> “A seca eleva-se a um problema econômico e político do Nordeste respaldando-se enquanto arma política, como argumento quase incontestável, quase irrefutável para conseguir benesses, investimentos, carreamento de recursos, construção de obras, frentes de trabalho, cestas básicas e etc., favorecendo uma elite nordestina que passa a mobilizar e capitanear ações para a região. É a conhecida “indústria da seca” (CARVALHO, 2006, p. 23).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No transcorrer dessa pesquisa, refletimos sobre as transformações que o ensino de Geografia vem passando na interface de uma educação contextualizada para a convivência com o Semiárido Brasileiro, mudanças essas que apontam para uma nova racionalidade e concepção crítica dos educandos bem como da prática educativa dos docentes de Geografia acerca do contexto do Semiárido. Uma vez que, “o Semiárido como discurso legitimador de uma nova concepção de sertão surge, portanto, como resposta para a uma nova realidade” (MOREIRA NETO, 2010, p. 17). Entendemos que muito ainda precisa ser feito para que os conhecimentos do cotidiano dos discentes sejam articulados aos conhecimentos geográficos em escolas públicas da cidade de Cajazeiras - PB.

Nesse sentido, é preocupante o ensino de Geografia na perspectiva da contextualização do currículo que contemple a realidade do educando nas escolas pesquisadas. São diversos os problemas encontrados, dentre eles, a formação acadêmica dos professores de Geografia, principalmente quando se trata de um ensino contextualizado, por meio dos conhecimentos locais dos povos do Semiárido Brasileiro. Na concepção de professores e discentes que entendem o Semiárido como: “*locais onde o clima é muito quente com temperaturas elevadas e sujeito a secas*”, (P1); “*Região seca que tem muita dificuldade com a água*”. J. L.M.M (14 anos, M), conclui-se que a região do SAB é compreendida ainda de forma preconceituosa, por professores e/ou alunos das três instituições de ensino da cidade de Cajazeiras - PB.

A Geografia lecionada nas escolas apresenta um ensino e/ou aprendizagem pautado na memorização de conteúdos e fora da contextualização de uma educação voltada para o Semiárido Brasileiro, ou seja, os saberes sobre o Semiárido e o cotidiano dos alunos ainda não são considerados como componentes essenciais do currículo escolar.

Nesse sentido, as práticas pedagógicas utilizadas nas escolas dessa região, devem ser questionadas, pois a educação para a convivência com o Semiárido deveria ser contemplada no ensino de Geografia e ministrada por professores comprometidos com essa educação desde as séries iniciais. Porém, se faz necessário que as práticas pedagógicas adotem experiências e saberes dos discentes e não apenas limite-se a conteúdos do livro didático que trazem temas como cultura, aspectos políticos, socioeconômicos universais distantes da nossa realidade.

Nota-se que a Geografia tradicional ainda se encontra presente nas escolas e é limitada a conteúdos temáticos presentes apenas nos livros didáticos que são, em parte, descontextualizados da realidade dos sujeitos (VESENTINI, 2004; BUENO & SILVA, 2008). Com base nos autores e nos

resultados por meio das respostas dos questionários dos discentes e docentes obtidos na pesquisa de ensino de Geografia, justificamos que o ensino de Geografia está descontextualizado na perspectiva da convivência com SAB e os professores de Geografia não fazem uma interrelação dos conteúdos relativos ao Semiárido com os conhecimentos escolares do componente curricular Geografia nas escolas de Cajazeiras.

Portanto, é importante que essas transformações sejam processadas mobilizando também homens e mulheres da comunidade local para que todos (re)signifiquem velhos conceitos estereotipados sobre a região. Ou seja, para que esses sujeitos tomem conhecimentos de como conviver com os efeitos da seca e de seus direitos como cidadãos pensantes do Semiárido Brasileiro.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

BUENO, Rovilson; SILVA, Adelaide P. da Educação para Convivência com o semiárido brasileiro. In: BATISTA, Maria do Socorro Xavier, JEZINE, Edneide; MOREIRA, Orlandil. (Orgs). **Educação popular e movimentos sociais: dimensões educativas na sociedade globalizada**. João Pessoa: Editora Universitária-UFPB, 2008.

KAERCHER, Nestor André. **A Geografia escolar na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Crítica**. São Paulo, 2004, 363 p. Tese (Doutorado em Geografia Humanas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

ALVEZZI, Roberto. **Semiárido uma visão holística**. 1 ed. Brasília, 2007.

MARTINS, Josemar da S. Anotações em torno do conceito de Educação para a Convivência com o Semi-Árido. In: **RESAB (REDE DE EDUCAÇÃO DO SEMI-ÁRIDO BRASILEIRO)**. Educação para a Convivência com o Semiárido: Reflexões teórico-práticas. 2 ed. Juazeiro: RESAB, 2006, p. 37-63.

MATTOS, Beatriz Helena Oliveira de Mello. Natureza e sociedade no semi-árido brasileiro: um processo de aprendizagem social? In: KÜSTER, Ângela; MATTOS, Beatriz. **Educação no Contexto do Semi-Árido Brasileiro**. Juazeiro-BA: Fundação Konrad Adenauer: Selo Editorial

RESAB, 2007. p. 71-89.

MINAYO, Maria Cecília de (Coord.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p. 9-27.

MOREIRA NETO, Mariana. **Da Seca à Convivência, do Sertão ao Semi-árido: enunciados e territorialidades**. João Pessoa: UFPB, 2010 (Tese – Doutorado).

MOREIRA, Marco Antônio. **A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula**. Brasília: UnB, 2006.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 3 ed. Porto Alegre, 2007.

PESSOA, Rodrigo Bezerra. **Um olhar sobre a trajetória da geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a geografia atual**. 2007. Dissertação de (Mestrado em Geografia), Universidade Federal da Paraíba, 2007.

SOUZA, Ivânia Paula Freitas de. **A gestão do currículo escolar para o desenvolvimento humano sustentável do Semi-Árido Brasileiro**. São Paulo: Petrópolis, 2005.

VESENTINI, José William (Org). **O ensino de geografia no século XXI**. Campinas: Papirus, 2004.